



REALIZAÇÃO



APOIO



CADERNO DE VIVÊNCIAS



APRESENTAÇÃO

As crianças vão chegando, uma a uma, no portão do CEI, trazidas pelas mães, pelos pais, pelos responsáveis, pelo motorista do transporte escolar. É cedo, antes das 8h; muitos ainda estão com sono. Alguns chegam amuados e demoram para entrar nas brincadeiras; outros, já muito despertos, estão agitados. Jogando bola ou na fila para o café da manhã, dá para observar a inquietação de todos. Toda atenção é pouca. Quase sempre o conflito começa em tom de brincadeira, com um “saí da frente” ou “cala a boca”, escalone rapidamente para a troca de insultos e pode chegar às vias de fato. E assim começa mais uma manhã no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do CEI CAMPINAS.

A problemática da violência, bem como a so-

lução, é social e de todos. Com isso em mente e com o apoio da FEAC, a equipe do SCFV elaborou um projeto de adaptação da tecnologia social¹ propondo oficinas de artes e processos circulares para desenvolver junto e colocar em ação os conceitos de Comunicação Não Violenta e Justiça Restaurativa pelas crianças e adolescentes do Serviço, seus núcleos familiares e colegas do ambiente escolar de algumas delas.

O projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** surgiu do desejo dessa construção conjunta de um ambiente harmonioso, com crianças e adolescentes convivendo de forma saudável, desenvolvendo a empatia para ressignificar situações de violência, reconhecendo seu lugar no mundo como um ser com direitos e deveres políticos e sociais e protagonista na construção da paz – um impacto pretendido audacioso, porém necessário frente ao

1 - Tecnologia social é um conjunto de técnicas desenvolvidas para provocar transformação no comportamento das pessoas e na maneira como elas se relacionam, técnicas pensadas e elaboradas em conjunto com as pessoas que delas vão se beneficiar, buscando soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida. (Caderno de Debate - Tecnologia Social no Brasil. São Paulo: ITS. 2004, p.26)



fenômeno multifatorial da violência que tem se instalado no miúdo do cotidiano das relações de modo perigosamente naturalizado.

Simple assim: queremos que pare a violência. Como conseguiremos isso? De forma gradual, seguindo um roteiro de percurso, com ações planejadas que nomeiem as violências e proporcionem a descoberta de novas formas de expressão dos sentimentos e o desenvolvimento de estratégias pacificadoras para a solução de conflitos. Esse projeto de 6 meses foi o primeiro pequeno passo de uma longa caminhada.

Registramos as experiências do projeto nesse Caderno de Vivências para você conhecer nossa jornada.

SOMOS O CEI CAMPINAS

O **Centro Educacional Integrado Padre Santi Capriotti – CEI CAMPINAS** é uma organização que há quatro décadas procura inovar na metodologia de trabalho para promover a inclusão

social e a garantia de direitos, em especial de pessoas consideradas com deficiência, público pelo qual o CEI foi fundado em 1981. Temos compromisso com a transparência, com o futuro e com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Com uma equipe que está em processo de qualificação permanente, atendemos mais de 1600 beneficiários diretos com acompanhamento sistemático, entre pessoas consideradas com deficiência, crianças, adolescentes, adultos, idosos e suas famílias, em situação de vulnerabilidade social, desenvolvendo suas potencialidades e buscando sempre aumentar o nosso impacto social em Campinas.

Além dos serviços prestados para as Políticas de Educação e Assistência Social, por meio de parcerias públicas, o CEI oferece à comunidade o Grupo de Ouvidores de Vozes, Círculos de Cuidado, Equipe de Crise, cursos relacionados à cultura de paz e aperfeiçoamento profissional. Ainda desenvolve projetos visando uma nova maneira de viver em sociedade, propondo novas abordagens para escolhermos a nossa



diversidade e nosso reconhecimento enquanto seres interligados, para cuidarmos da vida em comunidade. Essas novas abordagens são potencializadas por seu Núcleo de Justiça Restaurativa, Núcleo de Arte e Cultura e Núcleo de Pesquisa e Formação em Novas Abordagens em Políticas Públicas.

O CEI foi a primeira organização a criar um polo irradiador da Justiça Restaurativa (JR) em Campinas. Além dos cursos de Comunicação Não Violenta e JR, o Núcleo de Justiça Restaurativa oferece plantões da JR e os processos circulares - estratégia metodológica utilizada nas restaurações de situações de conflitos.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos tem por objetivo e prioridade a proteção social preventiva e proativa. O trabalho e as ações vislumbram o alcance da formação cidadã, que se dá por meio de ações socioeducativas, reflexivas, esportivas, artísticas e culturais, tecnológicas, de convivência e participação na vida familiar e pública. O SCFV do CEI atende 60 crianças e adolescentes de 6 a 14 anos e 11

meses; o projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** foi desenvolvido com crianças e adolescentes do período da manhã e seus núcleos familiares

Saiba mais: www.ceicampinas.org.br

NOSSA PARCEIRA FEAC

A **Fundação FEAC** é uma organização independente que atua em Campinas, SP, com o objetivo de contribuir para a criação de uma sociedade mais justa, sustentável e com igualdade de oportunidades. Para isso, investe em ações de educação, assistência social e promoção humana com foco nas regiões e nas populações mais vulneráveis, especialmente crianças e adolescentes, e no impulsionamento de organizações da sociedade civil, empresas e pessoas para as causas sociais.

Os investimentos da FEAC são destinados a viabilizar projetos próprios e de outras organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos populares que tenham relação com as



linhas estratégicas e com os objetivos de cada uma de suas áreas programáticas.

As atividades da FEAC são financiadas por recursos próprios, gerados pela administração de seu patrimônio, e por parcerias institucionais. A Fundação conta com uma robusta estrutura de governança composta por Conselho Curador e Diretoria Executiva, e com um quadro técnico com profissionais de diferentes especializações, atuando nas superintendências patrimonial e socioeducativa.

A ação socioeducativa é concentrada em três dimensões: empoderando populações vulneráveis; potencializando territórios vulneráveis e fortalecendo conexões; e impulsionando organizações, empresas e pessoas pelas causas sociais. Essas dimensões reúnem dez linhas programáticas e cada uma delas adota um conjunto específico de estratégias para incentivar e apoiar organizações da sociedade civil, movimentos sociais, grupos populares e cidadãos a desenvolver projetos voltados para a redução da pobreza e outras vulnerabilidades e

riscos sociais.

O projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** fez parte do programa Fortalecimento de Vínculos da FEAC, que apoia iniciativas integradas de cultura, esportes e cidadania com o objetivo de prevenir o agravamento da vulnerabilidade social nos territórios e criar condições para o bem-estar, a mobilidade e o desenvolvimento social. O projeto foi desenvolvido no eixo de Convivência e Vínculos, no objetivo estratégico da centralidade na convivência familiar e comunitária, com o desafio de promover espaços seguros e inclusivos de escuta, diálogo e aconselhamento eficiente.

Saiba mais: www.feac.org.br

NOSSO CONTEXTO

A Cidade de Campinas (SP) possui mais de 1,2 milhão de habitantes, de acordo com estimativa do IBGE. Para a administração municipal da Assistência Social, a cidade é dividida em cinco regiões. O CEI CAMPINAS está localizado na



região Leste, com uma especificidade: por estar na região central da cidade e ser um território de passagem, o SCFV do CEI recebe crianças e adolescentes das outras regiões, colaborando com a organização cotidiana das famílias, seja no âmbito laboral, escolar ou no acesso a serviços públicos e/ou privados.

Com o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de 0,805 em 2022, Campinas está entre as cidades mais desenvolvidas do Brasil devido à infraestrutura de saneamento básico e ao desenvolvimento nas áreas de educação e renda. O índice, entretanto, não espelha a desigualdade demonstrada na falta de acesso a esses mesmos recursos por milhares de pessoas que vivem em pobreza e extrema pobreza na cidade – cerca de 63 mil pessoas em 2023, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Assistência Social, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos, e com 126,8 mil cadastros de grupos familiares que dependem de programas sociais vinculados ao Cadastro Único.

Dos núcleos familiares dos usuários do SCFV do CEI CAMPINAS que iniciaram no projeto, 54% possui renda per capita de até 3 salários mínimos.

Nos núcleos familiares do público prioritário para inclusão no Cadastro Único, 18% tem o benefício do Bolsa Família como principal renda familiar e 22% são trabalhadores autônomos, sem renda definida. Este quadro reforça as situações de vulnerabilidade e risco social, deixando-os mais expostos a situações de exclusão.

Dentre as 11 especificidades que são critérios de inclusão para o SCFV, 22% dos usuários foram incluídos por medidas de proteção ao ECA; 19% por situações de vivências de violências ou negligência; 13% por vulnerabilidade que diz respeito à pessoa com deficiência; 1% para as situações de isolamento; 1% em situação de acolhimento; e 19% é público não prioritário.

Das crianças e adolescentes do SCFV do CEI CAMPINAS que iniciaram no projeto, 50% são do gênero masculino e 50% feminino; 67% são



da raça branca, 20% parda e 13% preta; 13% tem algum tipo de deficiência (auditiva, intelectual e/ou TEA) e quanto à faixa etária, 13% têm 6 anos, 64% de 7 a 11 anos e 23% de 12 a 14 anos. Quanto à área de residência, de acordo com a classificação da FEAC por Regiões de Vulnerabilidade Social, temos 84% da REVS 6, 7% REVS 11, 3% REVS 3, 3% REVS 13 e 3% REVS 14.

Crianças e adolescentes do SCFV estão matriculados entre o 1º e o 9º anos do Ensino Fundamental e se dividem em 3 escolas estaduais no entorno: E.E. Dona Castorina Cavalheiro, E.E. Francisco Glicério e E.E. Carlos Gomes, parceira deste projeto.

PRECISAMOS DE UM PROJETO!

No âmbito dos relacionamentos interpessoais, os efeitos trágicos da situação pandêmica, com dois anos de isolamento compulsório, foram sentidos por todos e mudaram drasticamente o cenário do Serviço de Convivência. No retorno

às atividades presenciais, em fevereiro de 2022, fez-se notório o aumento de agressões e brigas nos espaços de convivência, especialmente nas escolas e nos serviços da proteção social básica – reflexo da violência percebida e vivida em sociedade e nas famílias, desencadeada por fatores comportamentais e externos, como políticos, econômicos e culturais.

A equipe de referência do SCFV do CEI percebeu que os conflitos entre as crianças e adolescentes, agora diários, extrapolavam em número e intensidade aos anteriores ao isolamento. Tal percepção levou a equipe a considerar a necessidade de intervenções diretas e assertivas para promover o entendimento frente à intolerância, bullying, preconceito, xenofobia e agressividade verbal e física demonstrados por vários usuários. Não atuar nessa problemática seria contribuir para a disseminação da raiva e do desentendimento acirrado. O desafio era imenso.



Participação

Ainda no segundo semestre de 2022, a equipe de referência do SCFV propôs atividades com recorte de revistas e colagem, para que crianças e adolescentes refletissem sobre as dinâmicas de relacionamento e nomeassem o que consideravam violência. Na ocasião, puderam compartilhar sobre o desconforto que certas atitudes provocavam nos colegas e em si próprios, e todos concordaram que algumas intervenções seriam necessárias para elaborar e cessar a violência expressada na resolução de conflitos cotidianos nos espaços de convivência.

Os familiares e responsáveis também foram acessados e contribuíram para a discussão sobre questões dos relacionamentos em casa, na escola e no SCFV, colaborando assim com a proposta de um projeto específico para trabalhar novas maneiras de expressão dos sentimentos, estimulando e orientando os usuários na reconstrução de suas experiências na família e nos seus territórios, desenvolvendo o

sentimento de pertencimento e fortalecendo vínculos.

E pensando nos espaços de convivência cotidiana dos usuários, firmamos parceria com a Escola Estadual Carlos Gomes, uma das três escolas da área em que as crianças e adolescentes do SCFV estudam, com a proposta de encontros sobre Comunicação Não Violenta com professores e funcionários e processos circulares com os estudantes dos 6ºs anos, visto que essas turmas tinham o maior número de alunos que também participavam do Serviço de Convivência.

Passamos, então, a construir o projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** planejando 4 meses de intervenções diretas com as 30 crianças e adolescentes do período da manhã do SCFV do CEI e seus núcleos familiares, e com 60 estudantes do período da tarde da Escola Estadual Carlos Gomes, sendo 6 usuários do SCFV entre os alunos do 6º ano..

Uma diretriz importante para a elaboração do



projeto foi propor espaços seguros de escuta e diálogo acolhedor com repertório de apoio, pensando em fomentar novas condutas e reflexões constantes a partir da escolha coletiva pelas boas práticas para relacionamentos saudáveis. As atividades propostas foram construídas a partir das sugestões das crianças e adolescentes e estávamos prontos para, durante a realização do projeto, fortalecermos o lugar de fala para que todos apresentassem suas críticas e sugestões, que foram devidamente registradas e compartilhadas para que houvesse o devido alinhamento e cuidado do espaço participativo.

Conviver com o Diferente

Crianças e adolescentes vivem em fase de intenso desenvolvimento psicológico, físico, moral e social; são pessoas em formação da personalidade, por isso a importância da compreensão de aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento individual e coletivo, especialmente com relação ao diferente. O projeto

Aprendendo e Convivendo sem Violência, desenvolvido no espaço do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, serviu também para que aprendessem sobre os eixos norteadores do SCFV: convivência social, direito de ser e participação. A estratégia por percurso, organizada e planejada, visou facilitar o processo para tal aprendizado.

Quanto aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** se propôs a trabalhar pela redução das desigualdades – ODS 10, meta 10.2: *Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra.*

A experiência de reconhecer e admirar a diferença uns nos outros permitiu exercitar situações de proteção e autocuidado mútuos, em que as desigualdades e diversidades puderam ser analisadas, problematizadas e, por fim, descoladas das diferenças, separando as pessoas e



suas características do desvalor a elas atribuídas. A este movimento de desconstrução foi importante associar a construção da admiração e do respeito pelo seu corpo e pelo corpo do outro, especialmente na vivência dos processos circulares.

Ao planejarmos as atividades, pensamos em desenvolver a compreensão de que a integridade física e mental do outro é tão importante quanto a de si mesmo, pois fazemos parte de um mesmo grupo e precisamos sempre ressignificar os sentimentos de pertencimento e respeito ao próximo. As ações propostas visaram alcançar a sensibilidade e a calma nos círculos e com a experimentação da produção artística, particularmente por meio do contato com argila e pintura em tela.

A estratégia por percurso foi organizada visando facilitar o desenvolvimento das atividades nas oficinas, favorecendo as formas de expressão, interação e convivência por grupos de ciclo de vida (6 a 9 anos e 10 a 14 anos).

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E JUSTIÇA RESTAURATIVA

Os processos de comunicação são complexos, intermediados por variáveis diversas, internas e externas. Muitas vezes a intenção do que se fala ou faz não é compreendida corretamente por quem escuta ou recebe. Isso acontece porque falta empatia e verdade na maneira como nos conectamos com a gente mesmo ou falta conexão com quem nos relacionamos.

O projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** foi inspirado pelos conceitos e princípios da Comunicação Não Violenta (CNV) e da Justiça Restaurativa (JR), propondo atividades com as crianças e adolescentes do SCFV do CEI para otimizar a consciência da conexão consigo e com os outros, com foco no desenvolvimento de habilidades socioemocionais para a reconstrução de relações mais harmoniosas nos ambientes de convivência.



Diferentemente do que pode parecer, a CNV não se trata de nos expressarmos de maneira delicada ou gentil – embora o modo de nos expressarmos tenha sua importância no resultado do processo. A Comunicação Não Violenta propõe conexão e transparência por meio da prática do exercício de trazer à consciência as necessidades atendidas e não atendidas, em nós mesmos e nos outros, e o sentimento provocado por cada uma delas.

A CNV trabalha com o autoconhecimento como o primeiro passo para a busca do entendimento mútuo; a chave é desenvolver conexão consigo mesmo para, então, conectar-se com o outro por meio da escuta atenta e cuidadosa, sem permitir que o conflito se estabeleça negativamente.

A CNV propõe 4 passos para organizarmos o modo como pensamos e nos expressamos, e podemos segui-los respondendo às seguintes perguntas²:

- 1) Observação. Quando você olha para você e para outras pessoas, você consegue diferenciar o que é seu julgamento do que é o fato?
- 2) Sentimentos. Você se conecta com o que está sentindo durante o dia, ou vive distraído e tão ocupado que nem dá tempo para perceber o que influencia o seu comportamento?
- 3) Necessidades. Você sabe dizer quais são as suas necessidades e o que você faz para atendê-las?
- 4) Pedidos. Você consegue colocar em palavras e pedir o que está precisando?

Sendo um grande desafio colocar a Comunicação Não Violenta em prática quando se está com raiva, o projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** buscou vivenciar com as crianças e adolescentes um processo de resolução de conflitos que contemplasse as seguintes fases, atentos para que cada um desenvolvesse suas potencialidades no próprio ritmo:

2 - *Minha Campinas e Fundação FEAC. Guia da Mobilização. Campinas, 2023, p. 92 a 95.*



1) Parar e respirar; 2) Identificar os pensamentos que indicam julgamentos; 3) Conectar-se com as necessidades; 4) Expressar os sentimentos e necessidades não atendidas³.

Outro conceito importante que quisemos aperfeiçoar com as crianças e adolescentes, considerando os relacionamentos nos espaços de convivência, foi buscarmos deixar para trás a expectativa da justiça retributiva – o ofensor é o culpado e tem que pagar (até mesmo com dor) pelo que fez – e passarmos a agir com a esperança da Justiça Restaurativa: quando os relacionamentos foram afetados, vítima, ofensor e comunidade conversam e combinam juntos as ações necessárias para que haja reparação,

restauração e segurança⁴.

ARTES

O objetivo das oficinas semanais de artes no projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** foi de fortalecer vínculos por meio de atividades direcionadas e de ambiente que permitisse a participação ativa de crianças e adolescentes na construção de novas formas de relacionamento. No decorrer das dinâmicas, cada uma e cada um foi capaz de produzir individual e coletivamente, ter momentos de fala e escuta, fazer escolhas e tomar decisões e reconhecer os limites de atitudes e das escolhas, de forma a perceber e respeitar as diferenças⁵.

3- Rosemberg, **Marshall B. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Ágora, 2006, p. 248-257.

4 - CEI CAMPINAS e FEAC. **Guia Prático de Processos Circulares: uma experiência do Projeto T-Sendo Redes.** Campinas, 2022, p. 6-9.

5 - BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS. Ministério da Cidadania. **Caderno de Orientações: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.** Brasília: 2016. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Cartilha_PAIF_1605.pdf. Acesso em: dez. 2022.



Entendemos que a aprendizagem em Arte deva ser valorizada como um processo vivido pelos usuários desde a apresentação de uma proposta prática, como durante o processo de criação (nas oficinas) e, ao final, por meio do compartilhamento desse processo e dos resultados (a mostra artística).

De acordo com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa⁶, as linguagens artísticas foram abordadas por meio de três dimensões do conhecimento: apreciação, contextualização e criação. Esses momentos foram desenvolvidos nas oficinas, proporcionando às crianças e aos adolescentes que conhecessem a produção artística mundial (por meio de pesquisa) de forma contextualizada e crítica (nas rodas de conversa), assim como tivessem espaço (nas oficinas) para elaborar suas próprias criações.

Foram propostas atividades manuais por meio

de técnicas bi e tridimensionais em diferentes linguagens da arte – modelagem, desenho, carimbo, pintura. O foco foi a experimentação inicial dos materiais com criações livres para, em sequência, ser feito o aprofundamento na utilização desses materiais – argila, lápis preto e colorido, tinta acrílica, folhas secas, isopor, E.V.A., papel, tela – com orientação em relação a utilização de técnicas específicas de cada material.

A utilização do espaço comum e material compartilhado possibilitou que crianças e adolescentes exercitassem a todo momento habilidades socioemocionais e a interação entre pares, permitindo o desenvolvimento de poéticas pessoais em suas criações.

Ao final do projeto, realizamos uma Mostra com os trabalhos desenvolvidos pelas crianças e adolescentes no Espaço Marco do Valle. Foi uma etapa muito importante, não apenas por

6 -BARBOSA, A. M. *Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular*. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 2, p. 59-64, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i2p59-64. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36136>. Acesso em: dez. 2022.



expor os resultados obtidos, mas também pela exteriorização dos processos e das reflexões sobre as atividades desenvolvidas e as vivências experienciadas..

PROCESSOS CIRCULARES

As oficinas de processos circulares foram planejadas com dinâmicas variadas para que crianças e adolescentes experimentassem um processo diferenciado de autoconhecimento, da percepção do outro e do coletivo. Os estímulos foram inspirados nas metodologias do Teatro do Oprimido (Augusto Boal) e em práticas tradicionais da cultura popular brasileira (folguedos, brincadeiras de rua, danças, capoeira entre outras linguagens).

Com inspiração na escuta analítica, aplicou-se também o exercício de fazer a palavra circular por meio das rodas de conversa propondo uma abertura sobre os processos da linguagem e sobretudo, da importância da palavra como veículo de atribuições sobre os significados. Quando necessário, se faz prudente retomar

certas palavras, para que ao escutá-las sob outra modulação e perspectiva possamos ampliar suas significações e destinos.

Com isso, a perspectiva de contribuir em mitigar a relação de violência que pudesse vir a ser percebida nas variadas linguagens da comunicação entre os pares foi provocada através de diversas dinâmicas, especialmente na pesquisa sobre as linguagens do corpo e no exercício mais focado sobre a PALAVRA. Assim, um objetivo importante do projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** foi também o exercício da escuta de cada participante, bem como, o objetivo de proporcionar estímulos que pudessem contribuir para dar destinos mais harmônicos a determinadas situações de conflito. A partir do desenvolvimento de ferramentas, nos propusemos a descobrir, inventar e lapidar ferramentas possíveis para cada situação conflituosa. Com isso, as oficinas de processos circulares tiveram o intuito de iniciar uma jornada na qual fosse possível o desenrolar dos processos de compreensão e ressignificação das dinâmicas de comunicação cotidianas por todos os



participantes envolvidos.

A seguir, compartilhamos um pouco sobre o ritmo que construímos ao longo do projeto:

Regularmente era escolhido o Guardiã do Pin, instrumento sonoro a ser tocado para pedido de atenção, simbolizando a importância do foco, da necessidade sobre a importância da música e do silêncio, contribuindo assim, para a escuta entre nós.

As Rodas dos Sonhos trouxeram a proposta de desenvolver o diálogo sobre os sonhos com as crianças e adolescentes. Em consonância com os estímulos sobre o corpo e suas implicações em emoções e sentimentos, era feito o exercício de dar nome a determinados sentimentos e, na sequência, brincava-se com alguns estímulos para contribuir com outras formas de interação e nomeação entre os participantes. As crianças e adolescentes criaram seu próprio Caderno de Sonhos na oficina de artes, sendo desafiados a escreverem ou desenharem ali seus sonhos, sentimentos, bem como, experiências vividas

nas oficinas do projeto ou de situações que foram convidados a lembrar.

Equilíbrio e ritmo foram habilidades desenvolvidas especialmente nas brincadeiras de jogar peteca, pular corda, explorar movimentos e estímulos musicais da capoeira, cirandas, danças e percussão corporal e no chão, ao mesmo tempo em que trabalhavam com as palavras. Sozinhos, em duplas ou em grupo, com o próprio corpo ou fazendo uso de objetos (bastão, bola, balões), crianças e adolescentes foram motivados a desafiar os seus limites e a se reconhecerem como protagonistas e construtores de suas ações.

Incentivados a conhecerem o próprio corpo, crianças e adolescentes puderam exercitar outras formas de expressão, como assovios, olhares e gestos minimalistas, sempre convidados a trazerem para a roda contribuições de sua própria criação. Eles também aprenderam técnicas de automassagem recebendo referências da importância do toque e da ação terapêutica tanto do toque como da hidratação da



pele. Além disso, puderam entrar em contato com um pouco dos benefícios da aromaterapia através do contato com o óleo essencial de Lavanda (sendo este referenciado ludicamente). Ao final de cada encontro, eram guiados ao relaxamento com instruções de técnicas de respiração e orientação de certos movimentos, entre outros estímulos.

ENCONTROS COM OS NÚCLEOS FAMILIARES

Além das oficinas semanais, com atividades programadas de acordo com o ciclo de vida das crianças e adolescentes para que desenvolvessem ações positivas na redução de atitudes violentas construindo coletivamente estratégias para convivência saudável, entendemos ser necessário complementar o trabalho de conscientização engajando os responsáveis pelas crianças e adolescentes no processo de aprendizagem, potencializando o enfrentamento da violência também no âmbito familiar.

Assim, de dezembro de 2022 a março de 2023 promovemos encontros mensais com os núcleos familiares, organizados para proporcionar um espaço de diálogo e discussão de temas pertinentes aos desafios e possibilidades de enfrentamento da violência. Nosso objetivo foi que crianças, adolescentes e seus responsáveis compreendessem completamente a extensão das agressões trocadas no Serviço de Convivência, na escola e em outros ambientes, e que praticassem mudanças reais de comportamento, desenvolvendo e aplicando várias habilidades para lidar melhor com as situações de conflito, sendo capazes de identificar mudanças de padrão e na qualidade de vida.

Entendendo o risco e as vulnerabilidades ocasionadas pela violência, o projeto se propôs a contribuir diretamente no bem-estar social dialogando sobre os direitos e deveres, ações e práticas de relaxamento e bem-estar, autocohecimento e controle das emoções e impulsos em situações desafiadoras, apoiando os participantes na superação do sentimento de exclusão social em consonância com o direito



de viver livre de privações e com ofertas e acessos que garantam o exercício de suas potencialidades de forma plena e segura.

Nossa proposta nos encontros foi de ressignificar as vivências do ambiente familiar facilitando a compreensão dos sentimentos e frustrações em situações de conflito, traduzidas em agressão e violência física, verbal e emocional, para que essas oportunidades de aprendizagem, com aquisição de novas ferramentas para lidar com episódios de violência, tivessem seus conteúdos disseminados nos espaços comunitários e que, assim, crianças, adolescentes e responsáveis reconhecessem seu protagonismo e autonomia como agentes essenciais na execução do projeto e multiplicadores de práticas favoráveis de convivência entre os demais membros da família e comunidade.

No primeiro dos quatro encontros com os núcleos familiares pudemos conversar sobre a proposta do projeto, apresentarmos a equipe, alinharmos as expectativas e entrarmos em acordo quanto ao apoio dos familiares e res-

ponsáveis no decorrer do processo. No segundo encontro realizamos uma roda de conversa sobre Comunicação Não Violenta, um momento de troca e muito aprendizado entre os presentes. No terceiro encontro tivemos uma manhã divertida com modelagem de peças de porcelana fria em família. E no quarto e último encontro celebramos os resultados do projeto com uma refeição conjunta e muita animação.

O PROJETO NA ESCOLA

A convivência social foi considerada um eixo fundamental do projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência**, que se propôs a desenvolver o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários como estratégia de enfrentamento da violência. Pensando nesses espaços do exercício de convivência das crianças e adolescentes – em casa, no SCFV e na escola – consideramos as escolas nas quais as crianças e adolescentes do SCFV estudam no entorno do CEI e fechamos parceria com a Escola Estadual Carlos Gomes, na qual 58% dos inscritos no Serviço de Convivência estavam matriculados no



início do projeto.

A escalada da violência no ambiente escolar tem sido objeto de preocupação crescente de gestores, professores, pais e mesmo alunos. Serviço de Convivência e E.E. Carlos Gomes compartilham da problemática da falta de sociabilidade, intolerância, bullying e outras violências cotidianas entre as crianças e adolescentes. Assim, apresentamos uma proposta para facilitar espaços de diálogo por meio de rodas de conversas sobre a percepção da violência e a responsabilização pessoal na busca de soluções.

A dinâmica escolar tem desafios próprios e, com as atividades práticas do projeto começando no SCFV em dezembro de 2022, só foi possível consolidarmos um cronograma de encontros com a direção da escola em fevereiro de 2023, devido às férias escolares.

Mesmo com um curto espaço de tempo, realizamos dois círculos de Comunicação Não Violenta, um com professores e outro com funcio-

nários da escola, ainda no final de fevereiro. E para os processos circulares com os estudantes, tivemos dois encontros em março com os cerca de 60 alunos das duas turmas do 6º ano – visto que essas turmas tinham o maior número de alunos que também participavam do Serviço de Convivência.

A MOSTRA ARTÍSTICA

O grande evento esperado por todos foi a instalação da Mostra Artística com as peças produzidas pelas crianças e adolescentes durante as oficinas de Artes. A Mostra do projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência** ficou aberta de 5 a 23 de abril no Espaço Marco do Valle, contíguo ao CEI. Ver suas criações expostas foi muito importante para os participantes, não apenas pela beleza da exibição, mas principalmente pela materialidade dos processos vivenciados e das reflexões sobre os novos aprendizados – não apenas técnicos, mas especialmente emocionais – durante o percurso.

Também fez parte da Mostra um vídeo



contando sobre o projeto, com registros das crianças e adolescentes nas oficinas e depoimentos de membros das equipes e participantes. O vídeo está disponível no site do CEI: <https://ceicampinas.org.br/projetoaprendendo>

Publicamos um **CATÁLOGO** com fotos das obras e da exposição nas páginas finais deste Caderno de Vivências.

RESULTADOS

Seguindo metodologia recomendada pela FEAC para avaliação das métricas dos resultados, aplicamos questionários no período inicial e final do projeto, com tabulação de dados comparativos. Na aplicação do instrumental de Fortalecimento de Vínculos, para levantarmos o indicador de capacidade e habilidade socioemocional na redução de situações de violência e ampliação das relações de convivência saudável, obtivemos inicialmente 48% de crianças e adolescentes com respostas positivas “Frequentemente” para questões sobre confiança na família e nos amigos, segurança e autono-

mia. Ao final, o índice subiu para 60%, um resultado positivo do projeto.

Criamos mais um formulário em busca de dados para indicar o quanto crianças e adolescentes compreendem a extensão das agressões trocadas no SCFV, em casa e na escola, praticam mudanças reais de comportamento aplicando habilidades para lidar melhor com as situações de conflito e identificam mudanças na qualidade de vida. O índice de respostas positivas “Frequentemente” variou de 39% para 42%, indicando ligeira melhora na compreensão e atitude.

O número de representantes dos núcleos familiares presentes nos encontros mensais foi um pouco abaixo do esperado – média de 50%. Mesmo que os convites tenham sido feitos em grupo por WhatsApp e a confirmação da presença de forma individual, horário dos encontros e meios de deslocamento para a reunião foram as questões mais críticas apontadas como razão para a baixa participação. Para fortalecer a apropriação do projeto, todos os



meses os familiares receberam relatórios com fotos e informações que registravam as atividades realizadas pelas crianças e adolescentes naquele período.

Pesquisa de Satisfação

Na reunião de encerramento tivemos a presença de 52 participantes, entre representantes dos núcleos familiares, crianças e adolescentes, equipe do SCFV e do projeto. Os representantes responderam a uma pesquisa de satisfação sobre o interesse de sua criança no projeto (68,4% “muito interessada” e 31,6% “interessada”), sobre a participação dos núcleos familiares nas reuniões mensais (63,2% “muito interessada” e 36,8% “interessada”) e sobre o projeto promover mais comunicação em casa e expressão dos sentimentos de forma menos agressiva (63,2% “muito eficiente” e 36,8% “eficiente”).

Recebemos ainda os seguintes depoimentos:

“Mesmo com pouco tempo de CEI minha filha está muito contente. Gratidão”; “Minha filha

sempre me conta seu dia, como foi seu dia de convivência, sempre avisa sobre os projetos, o que estão aprendendo. O CEI tem sido um acontecimento positivo em nossas vidas. Gratidão!”

“O projeto Aprendendo e Convivendo sem Violência está sendo excelente para o convívio familiar, escolar e comunitário. Agradeço por tudo.”

“Não tenho o que reclamar. Acho que a violência depende de cada família. Tenho observado que hoje em dia, as crianças não só deveriam ser corrigidas em casa, mas sim em cada lugar que fica: na escola, no CEI, etc. Muitas vezes vemos uma criança xingando e ali não fala nada os adultos que estão próximos. Devemos ficar mais atentos.”; “O projeto é muito importante porque abordam assuntos muito importantes e que muitas vezes não damos a devida atenção no dia a dia.”

“Minha única sugestão é de continuar o projeto, mesmo que não agora, num futuro próximo.”;



“Continuar com este projeto, principalmente com as crianças, pois elas são o futuro.”

“O projeto representa um papel importante e fundamental para as famílias e seus dependentes, enquanto alunos ou assistidos pelo CEI.”

“Eu acredito no projeto e sei que é eficiente.”

“Eu fiquei surpreso com meu filho, pelo interesse da pintura e manusear a argila, e ele comentava o que tinha feito.”

“Achei extremamente importante o tema e a arte trouxe muitas conversas produtivas em casa. Estão no caminho certo!”

Além dos dados dos questionários, as educadoras responsáveis pelas oficinas de artes e processos circulares anotaram suas observações ao final de cada encontro e relataram o progresso das crianças, que publicamos a seguir.

Convivência com Arte

Nas oficinas de Artes, as crianças e adolescen-

tes que participaram desde dezembro de 2022 se adaptaram rapidamente à organização das atividades manuais, superando as desavenças e conseguindo trabalhar em conjunto. Elas passaram a respeitar mais seus colegas durante os encontros, a não criticar ou discutir com as outras crianças em relação às ideias ou materiais, a esperar sua vez de atendimento e a ajudar na organização e limpeza do espaço após as oficinas. Já as crianças que começaram a frequentar os encontros em fevereiro de 2023 tiveram mais dificuldade em relação a essa convivência, apresentando ainda atitudes desrespeitosas com colegas e com o espaço.

Nesse sentido, entendemos que o objetivo do projeto foi contemplado com as crianças que participaram durante os quatro meses do projeto e apresentaram melhor convivência. Percebemos que as oficinas aproximaram as crianças, fazendo-as compreender que podem sentar-se juntas em uma mesa, trabalhar lado a lado, compartilhar o material e conviver sem conflitos.



Em relação à produção artística, foi observado também um grande avanço nos processos criativos. Nas primeiras oficinas as crianças se mostraram mais tímidas para expor suas ideias e criar formas, mas, conforme foram exercitando mais a liberdade de criação, passaram a ter mais ideias e a produzir mais, com menos dificuldade. E, uma vez mais, as crianças que participaram desde o início demonstraram maior facilidade de criar, o que foi sendo aprimorado no decorrer dos encontros.

Entendemos que as oficinas de artes foram um excelente caminho para melhorar a convivências entre as crianças. A arte possui o potencial de transformação, de trabalhar o autoconhecimento durante os processos de criação, assim como de estreitar as relações nos relacionamentos interpessoais. Isso porque, além de estarem fisicamente juntos, compartilhando materiais, o ato de mostrar sua produção é uma forma de expressão e de se abrir ao outro. Isso foi percebido pelas próprias crianças e perceptível nos tipos de comentários em relação aos trabalhos dos outros, que no início eram depre-

ciativos e depois passaram a ser mais elogiosos e construtivos.

Os desafios da aquisição do material adequado para as oficinas e da realização das atividades num espaço multifuncional (no refeitório e não em uma sala exclusiva) foram administrados e superados. O objetivo de proporcionar situações de convivência com arte foi alcançado, oferecendo às crianças e aos adolescentes um espaço de interação e criação saudáveis, permitindo o fortalecimento de vínculos com si mesmos e com os outros.

O Desafio do Autoconhecimento

No último mês de atividades nas oficinas de processos circulares, nossa proposta foi de afinar os percursos de fechamento do projeto. A partir disso, elaboramos algumas dinâmicas nas quais a discussão sobre a temática do enfrentamento da violência fosse possível de ser aprofundada e, para isso, realizamos novas



práticas e repetimos outras.

De maneira geral, as turmas trouxeram retornos interessantes em relação às possibilidades de se propor a novos desafios, bem como demonstraram fortalecimento em relação a algumas características importantes que estimulamos por meio dessas práticas. Pudemos observar que muitas das crianças e adolescentes entenderam a importância de se escutar, de exercitar a paciência e a empatia entre os colegas.

A última roda de conversa foi mais fluida, tanto com a possibilidade de trazer as suas considerações como de ter paciência de escutar a dos colegas; entendemos ser esse um fechamento positivo e importante do processo que buscamos construir ao longo do projeto.

Ao longo dos meses, houve maior aceitação das turmas em relação à postura de escuta e empatia pelos seus colegas, maior presença na discussão sobre violência, assim como experienciaram práticas desafiadoras nas quais

puderam entrar em contato com sensações e sentimentos variados, compreendendo haver espaço para falar sobre isso.

Embora com certa resistência, à princípio, houve mobilização por parte das crianças e adolescentes para trabalharem essa paciência, essa empatia, e até mesmo essa coragem de se desafiar a lugares que muitas vezes eram pouco convidativos ou pouco confortáveis para eles. Foi possível observarmos isso ao repetirmos alguns desafios dos movimentos que foram propostos no início do trabalho, comparando suas reações às práticas nas quais a dinâmica aconteceu de maneira muito tranquila com outras em que foi possível identificar certa resistência de alguns participantes.

Nesse movimento final, verificamos que houve uma aceitação mais ampla aos desafios propostos, aceitação essa mais expressiva do que no início do projeto. Foi possível ainda, observar também que houve um lugar mais elaborado em relação a essa partilha de conversas. Um movimento que ficou muito claro nas



rodas de conversa é que, no final da trajetória, as crianças e os adolescentes se colocaram mais disponíveis a falar, não só sobre o tema proposto, ou seja, violências e maneiras para mitigar práticas dessa natureza. E ainda, perceberam a importância de refletir (no caso dos pré-adolescentes) sobre a importância de gestos que vão na contramão das reações violentas.

No fechamento das oficinas observamos ainda que, junto à maturação das rodas de conversa, os participantes também de se sentiram mais à vontade em poder falar e ouvir, inclusive, sobre os descontentamentos que sentiam, muitas vezes, na própria dinâmica das aulas e nas propostas provocativas que, às vezes, lhes traziam algum incômodo. Inicialmente, percebemos que havia um movimento mais recluso para trazer esse descontentamento.

Nesse processo final – após os encontros, provocações, práticas e estímulos variados – as turmas se mostraram mais confiantes em trazer sua insatisfação e até mesmo algumas sugestões pontuais em relação a possibilidades de

trabalho e de atividades que eles estavam buscando ou desejando, de alguma maneira.

Por ser um projeto realizado em um curto espaço de tempo, entendemos que houve lacunas porque, apesar de termos um planejamento, na vivência do dia a dia é que de fato, colhemos e semeamos possibilidades. Acreditamos que, em um projeto com mais dias por semana e mais horas de atividades, teríamos tido maior possibilidade de maturação sobre o tema e mais estímulos, para as práticas serem mais potentes e prazerosas, levando em consideração que a questão do ritmo é fundamental para qualquer processo de aprendizagem. Com mais um dia de encontro por semana ou com um tempo maior de oficina, teríamos um crescimento maior no aprofundamento de vínculos, com práticas mais poderosas.

Entretanto, mesmo com apenas um encontro semanal de cinquenta minutos com cada turma, acreditamos que cumprimos nosso papel de trazer estímulos e apontamentos para o enfrentamento da violência com retorno muito



positivo, demonstrado nas criações realizadas e nas reverberações dessas crianças, tanto materializadas no trabalho das artes plásticas como nas experiências das rodas de conversa e das respostas aos estímulos no trabalho com o movimento.

Ainda que tenha sido um tempo restrito, sabemos que muitas coisas que foram trazidas ficaram e estão ainda em processo de ressonância junto a essas crianças e adolescentes. De todo modo, são estímulos de muita riqueza que temos a honra de termos experienciado com eles.

Pouco Tempo na Escola

Na E.E. Carlos Gomes, por questões do calendário escolar, foi possível realizarmos apenas dois encontros com os cerca de 60 alunos das duas turmas do 6º ano.

Apesar dos desafios de encontros pontuais, buscamos pincelar estímulos que pudessem provocar a circulação da palavra, bem como a oportunidade de reflexão dos estudantes e do

corpo pedagógico em relação à escuta desses estudantes. Procuramos fomentar o entendimento desses estudantes em relação ao que é ou o que pode ser construído no espaço escolar, apontando sobretudo para a importância do exercício sobre as formas de Comunicação Não Violenta.

Para professores e funcionários da escola foi possível realizarmos apenas um encontro com cada grupo. Embora o pouco tempo, os participantes puderam ouvir sobre Comunicação não Violenta e compartilhar suas histórias, percepções e sugestões sobre a temática da violência no ambiente escolar, tendo ficado agradecidos com a oportunidade da partilha.

LIÇÕES APRENDIDAS

Desenho do Projeto

O projeto passou por algumas versões, levou meses para ser apresentado e, quando aprovado, teve início em 24/10/2022. Como o primeiro



mês estava reservado para planejamento e recrutamento da equipe, as atividades só tiveram início em dezembro de 2022 – época de início de férias escolares e grande alteração no quadro dos beneficiários do Serviço. Pelo fato do Serviço de Convivência estar em território de passagem, na área central da cidade, parte das crianças e adolescentes e seus responsáveis que residem nas cinco regiões do município não participaram assiduamente das atividades nos primeiros meses, pois o meio de transporte para chegarem no Serviço é exclusivamente o transporte escolar.

É preciso atentar para os meses de atividades, já que dezembro e janeiro são meses de férias escolares, com variação do número de crianças presentes e mudanças no quadro dos beneficiários do SCFV.

Articulação e Relacionamento

A dinâmica escolar tem desafios próprios e, com o começo do projeto em final de outubro e as atividades práticas do projeto começando

no SCFV em dezembro de 2022, só foi possível consolidarmos um cronograma de encontros com a direção da escola em fevereiro de 2023, devido às férias escolares.

Em parceria com escolas, cuidado com o cronograma: não é possível realizar atividades em julho, dezembro e janeiro. Além disso, a articulação com o corpo diretor para a aprovação das atividades em parceria pode demandar mais esforços do que e-mails ou mensagens e, mesmo assim, os resultados serem incertos.

Gestão do Projeto

A pessoa contratada para a coordenação do projeto, vindo de fora da organização, não acompanhou o detalhamento das atividades, a construção do orçamento ou o lançamento do projeto no sistema de gestão de projetos da FEAC. A falta de preparo técnico no SGPP demandou mais tempo para a produção dos relatórios colocando em risco o cumprimento de prazos, especialmente num projeto curto de 2 ciclos em 6 meses.



A coordenação precisa receber mais treinamento técnico específico sobre o preenchimento do SGPP, além das instruções do Guia de Acompanhamento e das reuniões de esclarecimento com as analistas de referência da FEAC.

Comunicação e Alinhamento

Como cada organização tem seus procedimentos e fluxos próprios para compras e pagamentos, é muito importante que haja comunicação eficiente entre a coordenação do projeto e a prestação de contas, especialmente para detalhamento dos valores das rubricas e data das notas fiscais em consonância com os ciclos.

Com base no orçamento e atividades programadas, seria importante construir uma planilha para controle de gastos por rubrica e previsão de compras e pagamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contratação das educadoras Halima Elusta

(artes) e Anaí Pigatto (processos circulares) se mostrou extremamente acertada, tamanho o compromisso e dedicação das oficinas no planejamento, execução e avaliação das atividades do projeto.

Mário Marcelo Nicomedes Ramos foi muito apropriado em suas facilitações de círculos de Comunicação Não Violenta com as equipes de referência do SCFV e do projeto, com os núcleos familiares e com professores e funcionários da E.E. Carlos Gomes.

Luisa Naves, da Contorno Filmes, demonstrou profissionalismo em todo o processo, desde a idealização do roteiro à captação das imagens e edição do vídeo – com o cuidado de providenciar a tradução em Libras com Flávia Batista.

Contamos também com a contribuição dos voluntários João Carlos de Freitas (oficina de porcelana fria com núcleos familiares), Julyana Troya (curadoria do Espaço Marco do Valle) e Gilberto Alves Francisco (montagem da exposição).



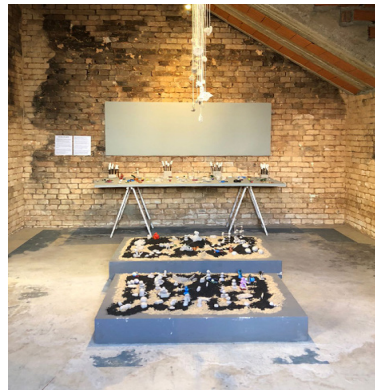
O projeto foi elaborado com a contribuição de Aline Figueiredo, Carolina Gumiero, Leonardo Duarte, Maira Sugimoto e Marisa Moreira.

Os vários desafios enfrentados pela coordenação foram sendo contornados graças ao comprometimento da equipe de referência do SCFV (arte-educadores, assistente social, coordenação), da equipe do projeto (oficineiras, produção audiovisual e gráfica), dos departamentos envolvidos em Compras e Financeiro e da superintendência do CEI (além da orientação da FEAC).

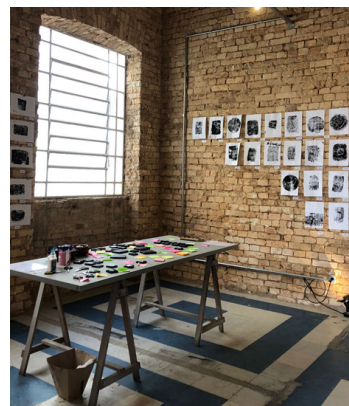
O engajamento compromissado de todos os envolvidos foi essencial para a realização do projeto **Aprendendo e Convivendo sem Violência**. Apesar da curta duração, cremos que sementes foram plantadas e, a seu tempo, darão frutos e outras sementes, e assim continuaremos contribuindo para a criação de uma sociedade mais justa, inclusiva, igualitária e mais pacífica. Que assim seja!

CATÁLOGO DA MOSTRA

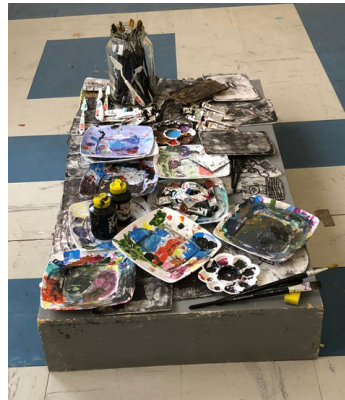














Poema escrito pela adolescente Michelle Aiko Sarabia, participante do projeto Aprendendo e Convivendo sem Violência, a pós pintar sua tela “O Olho Arco-Íris”

QUANTAS CORES SÃO VIDA POR AÍ?

Vida ... vida ... materiais, energia, cores, tantas cores ...
Quantas cores ... por que as enxergamos? ...
tantas vidas, tantas cores.
Quantas vidas são coloridas ...
Quantas cores são ou estão VIVAS?
cinza seria uma bela cor viva? ...
E a escuridão poderia ser colorida?
quão colorida poderia ou deveria ser a vida?
Quantas vidas querem viver? quantas queres ver viver?
quantas vidas vemos, ouvimos, vivemos, transformamos
felizes ou tristes, alegres ou raivosos ...
quantas vezes coisas devemos fazer? pra quê?!
me ajude a entender ...
nos ajude a entender ...
se pudessem me responder ... demorariam por anos ...

SUPERINTENDENTE DO CEI

Leonardo Duarte Bastos

DIRETORIA DO CEI**Presidente**

Mário de Paula Ribeiro Junior

Primeiro Secretário

Rafael Henrique Zancanelli

Segundo Secretário

Ademar Antônio Eberl Garlipp

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Clara Silva Souza

Anally de Jesus Bezerra

Antony Gabriel Salvador Silva

Arthur de Assis Ferreira

Arthur Guilherme de Alcântara

Davi de Souza Santana

Eduardo Geraldo Ribeiro

Eleonora Bueno Frigo da Purificação

Emanuel Gonçalves Santos

Geovanna Kethellen Reis da Silva

Heitor de Paulo Fideles

Helena Mingorance Ribeiro

Henry Lorenzo Bertamelo

Ícaro Cristiano Ribeiro Junior

Ingrid Vitória Silva Jabali

Izabella Rute de Sousa Farias

João Luiz Neves de Almeida

João Vitor Lima Rodrigues

Julia Solórzano Acuna

Klaudineya Isabela Franke

Lara Vitória Soares dos Santos

Leonardo Souza Vital Medeiros

Levi de Souza Santana

Luiz Henrique Araújo Silva

Mateus de Sousa Machado

Matheus de Mello Bruno Simão

Maysa Matias de Sousa

Michaelle Vitória Lima

Michelle Aiko Sarabia

Miguel Matias de Sousa

Millena Rute de Sousa Farias

Nicholas Melo

Pedro Henrique Araújo Silva

Pedro Leonel Germano da Silva

Peterson Lohan Ferreira Campanholi

Pyetro Gonçalves Santos

Rafael Luciano Solorzano Acuna

Rebeca de Sousa Machado

Sofia Alves de França

Sophia Gabriely Araújo Silva

Théo Cavalcanti Olímpio

Valentina Carvalho da Silva

Yuri Gabriel Almeida da Silva

SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS**Coordenação**

Ana Lídia Manzoni Puccini

Assistente Social

Marisa Aparecida Franco Moreira

Arte-educadores

Erick WD

Michele Olímpio

PROJETO APRENDENDO E CONVIVENDO SEM VIOLÊNCIA**Coordenação**

Sílvia Helena Octaviano

Oficina de Processos Circulares

Anaí de Abre Pigatto

Oficina de Artes

Halima Alves de Lima Elusta

MOSTRA NO ESPAÇO MARCO DO VALLE

5 A 23 DE ABRIL DE 2023

Curadoria

Julyana Troya

Montagem

Gilberto Alves Francisco

FICHA TÉCNICA DO VÍDEO

<https://ceicampinas.org.br/projetoaprendendo>

Roteiro e Montagem

Lúisa Naves

Sílvia Octaviano

Captação de Vídeo

Lúisa Naves

Erick WD

Narração e som direto

Lúisa Naves

Libras

Flávia Batista

Produção Audiovisual

Contorno Filmes

EDIÇÃO DO CADERNO DE VIVÊNCIAS**Texto**

Anaí Pigatto

Halima Elusta

Marisa Moreira

Sílvia Octaviano

Revisão

Laura Nice

Leonardo Duarte

Diagramação

Marcelo Queiroz

Impressão

Print Express Gráfica

e Comunicação Visual

Agradecimentos especiais aos responsáveis pelas crianças e adolescentes e à Escola Estadual Carlos Gomes pela parceria.
PROJETO APRENDENDO E CONVIVENDO SEM VIOLÊNCIA 2022/2023

Campinas,SP | Abril de 2023

REALIZAÇÃO



APOIO

